

## REDESCOBRIR ALCINO SOUTINHO

Uma reflexão a partir da Casa de Afife

## REDISCOVERING ALCINO SOUTINHO

a reflection from the House of Afife

### Daniel António Fernando Félix

Professor Auxiliar, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa  
Investigador no CITAD – Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design  
([danielf@ufp.edu.pt](mailto:danielf@ufp.edu.pt))

#### RESUMO

O legado de Alcino Soutinho é indiscutivelmente marcante para a Arquitetura Portuguesa. Apesar do seu percurso notoriamente pautado por encomenda pública, o programa habitacional tem uma forte presença na sua obra, particularmente a tipologia da habitação unifamiliar.

Partindo da intenção de desenvolver uma análise arquitetónica sobre uma dessas habitações, a casa de Afife, este estudo revelou-se uma oportunidade para o (re)encontro do autor com o trabalho de Soutinho.

É apresentada uma análise pessoal sobre a obra mencionada, refletindo essencialmente quanto ao pragmatismo com que Alcino Soutinho desenvolve o projeto como resposta ao programa e à articulação de diversas características do local. Esta análise apresenta ainda algumas reflexões relativas ao contributo que a disseminação da obra de Alcino Soutinho, e de outros arquitetos, poderá ter, principalmente junto dos estudantes de arquitetura.

#### Palavras Chave

Alcino Soutinho, Casa em Afife, Ensino de arquitetura, Análise arquitetónica

#### ABSTRACT

The work of Alcino Soutinho is undoubtedly important for Portuguese Architecture. Despite the notorious predominance of public buildings, his work also shows several examples of housing programs, particularly of single-family home.

Starting from the aim of developing a review of the design of one of these works, the house of Afife, this study became an opportunity for the author to rediscover the legacy of Soutinho.

The above mentioned review is presented, particularly focusing on the pragmatism of Alcino Soutinho to present a solution that results from the functional program and the attention to the local characteristics. This study also presents personal reflections regarding the lessons that can be learned from the work of Alcino Soutinho and other architects, mainly for architecture students.

#### Keywords

Alcino Soutinho, House in Afife, Architectural education, Architectural analysis

## INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho não se pretende discorrer sobre o percurso de Alcino Soutinho, nem tão pouco arriscar tecer algum tipo de análise crítica ou de enquadramento da sua obra. Enquanto estudante de arquitetura, e posteriormente como arquiteto, por várias e distintas razões, o contacto do autor com a obra de Alcino Soutinho nunca tinha provocado, ou despertado, a curiosidade para imergir no seu trabalho. Este profundo desconhecimento implica por isso moderação nas suposições, afirmações e conclusões apresentadas.

A oportunidade de produção do presente estudo, revelou-se por isso um momento de encontro, ou reencontro, com o legado de Soutinho. Apesar de incidir sobre uma casa em particular, a de Afife, a necessária investigação de base renovou o interesse pelo seu percurso, agora alicerçada com quase duas décadas de estudo e prática de arquitetura. Esse estudo prévio levou por vezes a estabelecer pontes com diversos projetos de Soutinho ou de outros arquitetos, relembrando alguns momentos específicos de contacto com a sua obra, sendo esses episódios vertidos no texto para alargar o enquadramento.

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar uma análise arquitetónica pessoal, embora nutrida por entrevistas a Soutinho e notas do próprio sobre a obra analisada, bem como textos de outros autores.

Tendo em conta a presente contextualização, seria presunçoso avançar com possíveis conclusões sobre o percurso de Soutinho a partir de um trabalho desta natureza. Contudo, a experiência pessoal do autor para a produção deste estudo acaba por levar ao apelo para que arquitetos como Soutinho sejam referências permanentes no ensino e divulgação da arquitetura. O contributo deste artigo resume-se por isso à disponibilização de (mais) uma interpretação de uma obra de Alcino Soutinho, e culmina com uma breve reflexão sobre a importância da disseminação do seu percurso, e de outros arquitetos portugueses.

O trabalho estrutura-se essencialmente em dois momentos. Inicia-se com o enquadramento do autor face ao co-

nhecimento do percurso de Alcino Soutinho, seguindo-se a análise arquitetónica, de cunho pessoal, à casa de Afife.

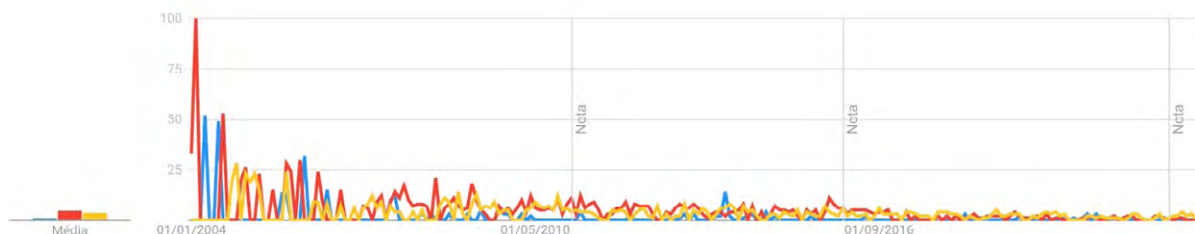
Metodologicamente, o trabalho baseou-se em consulta bibliográfica, tanto de textos de enquadramento teórico da obra de Soutinho, como de publicações de arquitetura do ponto de vista de exposição do processo/projeto/construção. Previamente ao estudo da casa mencionada, houve uma abordagem mais generalista ao percurso de Alcino Soutinho, na tentativa de suprir a lacuna mencionada e assim criar a base para o estudo.

## O CONTACTO COM A OBRA DE ALCINO SOUTINHO

Para enquadrar o leitor na análise apresentada abaixo, torna-se pertinente contextualizar o conhecimento do autor a respeito da obra de Soutinho, procurando evitar interpretações desvirtuadas, principalmente se o leitor/recetor for um profundo conhecedor do trabalho deste arquiteto.

Para um estudante de arquitetura que iniciou o percurso académico nos primeiros anos do séc. XXI e que não tenha frequentado uma instituição assumidamente integrada na linha da apelidada “escola do Porto”, passadas quase duas décadas desde o início do seu percurso académico, parece natural que a obra de Soutinho não tenha sido uma das referências frequentes. Há uma vintena de anos assistiu-se a um crescendo de publicações dedicadas à arquitetura, impressas e digitais, nacionais e internacionais. O mundo digital ganhava terreno com considerável velocidade, multiplicavam-se as plataformas na internet de divulgação de arquitetura, e quase todos os ateliers em ascensão, ou projeção, disponibilizavam os seus websites. O arquiteto Alcino Soutinho, a par de outras referências como Alexandre Alves Costa, Manuel Taíña, Manuel Vicente, Sérgio Fernandez, Nuno Teotónio Pereira, apenas para enumerar alguns, não foram nomes com presença habitual nas conversas de arquitetura entre o autor e os colegas de curso. Estes arquitetos de qualidade inquestionável, acabavam por ficar com pouco do espaço deixado livre pelos holofotes focados em nomes como Aires Mateus, Álvaro Siza, ARX Portugal, Carriho da Graça, Gonçalo Byrne, Souto Moura, entre muitos outros, aos quais se juntavam dezenas de nomes interna-

Interesse ao longo do tempo ?



**Figura 1.** Volume de pesquisas no Google desde 2004 para Alcino Soutinho (azul), Aires Mateus (vermelho) e João Luís carrilho da Graça (amarelo).

Fonte: *Google Trends* (ver nota de rodapé 7).

cionais, com linguagens e experiências que fascinavam o menos interessado dos aprendizes.

Não tendo sido possível aferir dados que permitam generalizar a experiência do autor de modo global à aprendizagem da arquitetura na época, é possível enumerar alguns factos elucidativos da menor exposição do trabalho de Soutinho durante o período de estudante do autor (2003–2009).

Um dos *websites* mais conhecidos de divulgação de arquitetura, o *Archdaily*<sup>1</sup>, surgiu em 2008, e ainda hoje não disponibiliza qualquer obra da autoria de Alcino Soutinho, apresentando apenas duas publicações sobre o arquiteto, uma referente ao seu falecimento<sup>2</sup> e outra à divulgação de uma exposição do seu trabalho<sup>3</sup>. Evitando comparações com nomes como Álvaro Siza ou Souto Moura, com uma regularidade de publicações claramente superior, e apenas para exemplificação, fazendo o comparativo das publicações de Alcino Soutinho com ARX Portugal no mesmo período, 2003–2009, verificam-se treze publicações<sup>4</sup>, uma

delas monográfica, para o primeiro, e trinta e três para os segundos<sup>5</sup>, sendo vinte delas em livros, dez em revistas, e três monografias.

Através da ferramenta *Google Trends*<sup>6</sup>, que analisa o volume de pesquisa de termos, comparando Alcino Soutinho, Aires Mateus e João Luís Carrilho da Graça, é possível verificar que desde 2004<sup>7</sup> o volume de pesquisas do primeiro em território nacional é consideravelmente menor (Fig. 1).

A apresentação destes dados procura apenas evidenciar o grau de exposição e acesso à informação sobre Alcino Soutinho com que o autor se deparava no período mencionado, salientando-se o facto de este utilizar essencialmente os meios digitais. Reforça-se a ideia de que não se pretende generalizar estes dados, pois seria necessário aferir outras fontes. Contudo, a informação apresentada é, pelo menos, sugestiva da menor divulgação da sua obra. Para além disso, as pesquisas realizadas na época pelo autor sobre Soutinho, na generalidade davam destaque ao edifício da Câmara Municipal de Matosinhos, uma construção que para um estudante de arquitetura daquele período, fascinado

<sup>1</sup> [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com) [em língua portuguesa [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)].

<sup>2</sup> [https://www.archdaily.com.br/br/01-156940/faleceu-esta-semana-o-arquiteto-portugues-alcino-soutinho?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab&ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com.br/br/01-156940/faleceu-esta-semana-o-arquiteto-portugues-alcino-soutinho?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all)

<sup>3</sup> <https://www.archdaily.com.br/br/758393/exposicao-alcino-soutinho-realismo-confortavel-no-porto>

<sup>4</sup> [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20alcino%20](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20alcino%20)

[soutinho:%20alcino%20soutinho:%20publica%3a7%3b5es/confer%3aancias](https://www.arx.pt/publicacoes/soutinho:%20alcino%20soutinho:%20publica%3a7%3b5es/confer%3aancias)

<sup>5</sup> <https://www.arx.pt/publicacoes/>

<sup>6</sup> <https://trends.google.pt/trends/?geo=PT>

<sup>7</sup> [https://trends.google.pt/trends/explore?date=all&geo=PT&q=%2Fg%2F121vfggv,%2Fg%2F1tvglwb,%2Fm%2F05s\\_gk5](https://trends.google.pt/trends/explore?date=all&geo=PT&q=%2Fg%2F121vfggv,%2Fg%2F1tvglwb,%2Fm%2F05s_gk5)



**Figura 2.** Casa em Ofir – projeto de Fernando Távora.

Fonte: Rui Morais de Sousa *in* Trigueiros, 1992.



**Figura 3.** Casa em Ofir – projeto de Alcino Soutinho.

Fonte: <https://www.facebook.com/buildingpictures.pt/>.

com a abstração, o dinamismo e a fluidez das obras para as quais se viravam os ditos holofotes, se mostrava pesada, “dura”, de difícil apreensão e entendimento. Esse fascínio tornava a competição ingrata, pois a obra de Soutinho não era, naquele momento, nem imediata nem arrebatadora ao primeiro olhar.

Para além dessa menor exposição da obra de Alcino Soutinho, essa época proporcionou outras circunstâncias que contribuíram para a ausência de interesse. Numa visita a Ofir, para análise de uma casa de férias da autoria do arquiteto Fernando Távora, pela relativa proximidade e coincidência programática, gerou-se a comparação com a casa Pinto de Sousa desenhada por Alcino Soutinho (Fig. 2 e Fig. 3). A austeridade volumétrica, a estranheza da combinação do rosa das fachadas com o verde dos caixilhos, e até da composição dos alçados, uma vez mais tornavam a compreensão difícil, leitura reforçada pelo efeito contrário, de grande adesão, que a casa desenhada por Távora causava de um modo geral. Sendo um momento da formação em que o “gostar” ou “não gostar” se sobrepõe ao “compreender”, foi igualmente com estranheza que um par de anos depois deste episódio se assistia a uma conferência onde Soutinho explicava o seu projeto da biblioteca Florbela Espanca, edifício construído ao lado da Câmara Municipal de Matosinhos, também da sua autoria como mencionado an-

teriormente. Dois edifícios lado-a-lado, o mesmo arquiteto e, à época, uma aparente tão grande dicotomia.

Hoje, e apesar do percurso ser ainda curto, não sendo por isso robusta a experiência, parece seguro afirmar-se que se aprende a “gostar” de arquitetos como Alcino Soutinho, porque se deixa de procurar apenas o óbvio e o imediato, e então é “natural” ficar-se fascinado com a sua obra e com a densidade que lhe subjaz. Compreende-se que Soutinho começa todos os projetos do zero, que experimenta e testa sem receios, e que por isso, como ele mesmo reconhece, a sua obra é eclética (Soutinho, 2009) e está ligada à época em que surge (Lopes, 2012). É igualmente “fácil” ficar-se rendido ao seu rigor construtivo, à adequação da escolha e utilização dos materiais, ao rigor da definição do projeto de execução.

A análise da casa de Afife apresentada de seguida, surge sobre esta “renovada” visão pessoal da obra de Alcino Soutinho.

#### A CASA DE AFIFE

A habitação, em particular a casa unifamiliar, é um dos campos de investigação mais férteis para os arquitetos. Seja por ser um dos programas mais inteligíveis, se não o



**Figura 4. Casa em Afife.**

Fonte: Moreira, 2020.

mais inteligível, pelo utilizador comum, seja pela habitual profunda relação de proximidade entre cliente e arquiteto, seja pela imensa diversidade de contextos, seja pela escala, entre outros fatores, o projeto de uma habitação continua a ser um dos momentos prediletos de vários arquitetos, levando-os a incansáveis procuras. Mesmo quando constata-se que passaram anos a desenhar a mesma casa (Moura, 2003), o projeto de uma casa unifamiliar mantém-se como um laboratório por excelência para os arquitetos.

No caso de arquitetos como Alcino Soutinho, que apresenta uma extensa lista de projetos de casas espaçadas no tempo ao longo de décadas, assistimos à materialização de um legado de soluções que podem ser analisadas sob diversos pontos de estudo.

A casa de Afife foi a última a ser idealizada pelo autor, estando a 40 anos de distância temporal da primeira casa que projetou. Esta distância temporal, por si só, abre a oportunidade para diversas e distintas abordagens. Não é, contudo, nesse sentido que caminha a análise abaixo, pois trata-se de uma interpretação pessoal, certamente influenciada por diversas leituras, mas ainda assim individual, da casa de Afife (Fig. 4).

#### A IDEIA E AS INTENÇÕES

Segundo o proprietário (Moreira, vol. II, 2020), a casa de Afife é a reinterpretação de Soutinho para a casa Minhota, sendo efetivamente reconhecíveis três momentos arquitetónicos peculiares: (i) a ala das áreas de apoio (garagem, quarto de serviço, sala de jogos, lavandaria, garrafeira, zona técnica), que representa as alcaias; (ii) o espaço exterior central que corresponde à eira; e (iii) a casa propriamente dita, a “casa senhorial” (Fig. 5).

Sendo inequivocamente reconhecível a associação de espaços e funções mencionadas, há outros aspetos que se assumem como essenciais enquanto princípios orientadores para a conceção arquitetónica da casa. A distribuição e encadeamento de espaços e funções são idealizadas de modo a criar uma forte e intrínseca relação entre interior e exterior, originando uma volumetria estendida sobre o terreno, em contraponto aos volumes mais compactos e de geometrias reconhecíveis da envolvente. Esta dispersão pelo terreno define pragmaticamente as distintas áreas e simultaneamente fixa a construção ao solo, pois a manipulação volumétrica é habilmente definida com um forte carácter topográfico. A pendente natural do solo é conservada, a construção adossa-se respeitosamente ao terreno, construindo uma sucessão de espaços interiores e exterior-

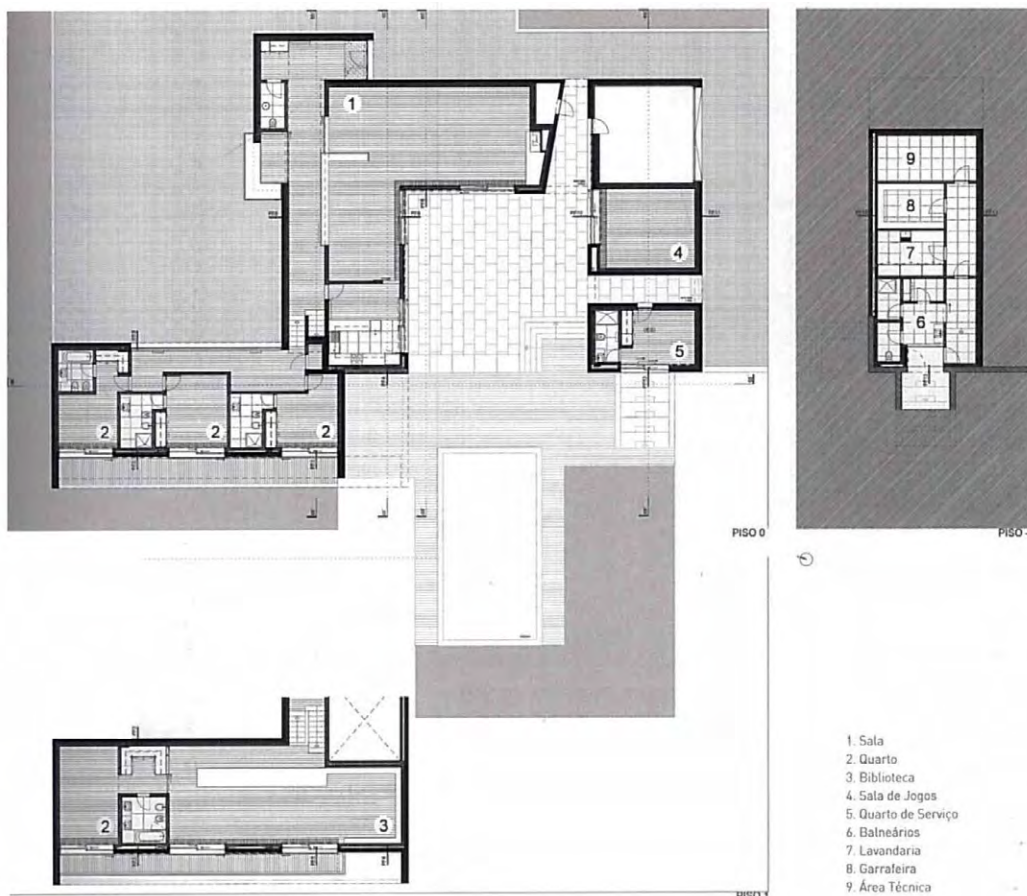
res, que vão desenhando os necessários percursos para que as diferenças altimétricas sejam ultrapassadas de forma fluida. Muros, escadas e patamares são por isso elementos indissociáveis do conjunto construído, não sendo possível isolar-se a casa dos espaços exteriores que a complementam, nem ambos do terreno onde se implantam, e que transformam apenas no essencial, para estabilizar cotas.

A disposição volumétrica demonstra três intenções principais:

(i) a criação de um espaço exterior central aberto a poente e com forte incidência solar de sul, espaço de excelência para estadia ao ar livre, para onde se prolongam os espaços sociais, protegido dos ventos de norte, com total privacidade face à envolvente, e abertura visual a poente, para o mar;

(ii) a opção por definir os dois pisos a poente numa lógica de "meios pisos", garantindo uma ideal adequação ao declive natural e uma escala adequada, permitindo que nesta ala se localizem os quartos ao nível do jardim, com relação visual sobre o mar, e sobretudo com o desejado carácter mais reservado; a sul localizam-se as áreas de serviços e técnicas em semicave, contribuindo para o mesmo propósito de adequação em termos de escala;

(iii) apesar da referida dispersão volumétrica, a cobertura apresenta um gesto único, agregador, que confere uma leitura de unidade que a separação volumétrica verificável em planta não deixaria antever; a sua ligeira inclinação remete para as coberturas inclinadas da envolvente.



**Figura 5. Plantas.**  
 Fonte: Raul Pereira da Costa *in* Ferreira, 2008.

## DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL

Em termos funcionais, a adequação dos espaços à volumetria concretiza-se de modo pragmático e sem indecisões. O volume dos quartos solta-se, a norte, da forma em “U” que define o pátio exterior a sul, abrindo-se para poente e para o mar. O volume da área social apresenta-se ortogonalmente face a este, com amplas aberturas para sul e para o espaço exterior, cuja geometria é definida pelos volumes das áreas de apoio a fechar o conjunto a sul. Este espaço exterior é também aberto para poente, enquadrando a vista para o mar num ambiente protegido dos ventos de norte, e em franca relação visual e espacial com a piscina, que se encontra numa cota inferior. A fragmentação volumétrica a sul, que separa o quarto de serviço da garagem e sala de jogos, e por sua vez estes do volume que define a sala de estar, é dissimulada pela cobertura contínua. No entanto, estas duas aberturas garantem maior riqueza ao espaço central exterior, permitindo acessos e continuidade com o terreno a sul e a nascente, por onde se vislumbra a envolvente para lá dos limites definidos pelas paredes, remetendo assim para a presença do restante terreno e da sua vegetação abundante.

Esta distribuição materializa uma das características fundamentais da habitação quanto ao seu uso. Tratando-se de uma casa de férias, onde a vivência pressupõe maior descontração na sua utilização do que uma casa de uso permanente, mais dependente das rotinas e horários, a sua articulação privilegia a relação dos espaços interiores com o exterior, mantendo mais presente a relação com os espaços de lazer a céu aberto, sempre marcados pela referência do mar ao fundo. A casa acaba por celebrar essa cadência de espaços ora internos ora externos, numa sucessão que procura essa conjugação (Ferreira, 2008). O ambiente interior é por isso caracterizado por uma certa exterioridade, e por sua vez estar fora acaba por remeter a uma certa interioridade. Esta conjugação é alcançada com uma grande autonomia de cada espaço nesta fluidez interior-exterior, que muito contribui para o ambiente de maior descontração e descanso pretendidos para o programa de casa de férias.

## ELEMENTOS DIFERENCIADORES

Apesar do pragmatismo e objetividade mencionados anteriormente, a conjugação das diversas intenções resulta pontualmente em momentos de notável rasgo criativo, tanto ao nível do ambiente e uso, como do aspeto formal resultante.

São exemplos disso o momento em que o volume dos quartos intercepta o volume da cozinha e sala, onde uma proeminente consola define um espaço exterior coberto virado a sul, protegido dos ventos de norte, e que se encontra na mesma cota da piscina. A partir deste ponto lança-se o muro que define a diferença de cota para o espaço exterior central, mais alto, que assume simultaneamente a função de guarda e banco. O muro transforma-se depois nas generosas escadas que asseguram a necessária e convidativa circulação vertical entre estes distintos ambientes exteriores (Fig. 6).

No interior, há diversos apontamentos que marcam o ritmo dos longos percursos que resultam da dispersão formal, anulando assim a sensação de distância. Talvez o mais marcante seja a *bow-window*, que transforma o corredor num aprazível momento de leitura ou simples contemplação do jardim, a possibilidade de por momentos nos desligarmos do mar ao longe e estarmos mais atentos ao Minho verdejante. A leveza e esbeltez dos caixilhos remetem para uma certa exterioridade, como um contraponto ao espaço exterior central do lado oposto (Fig. 7). Ainda no corredor, mas já na ala dos quartos, um vão fortemente horizontal ao



Figura 6. Espaço exterior coberto. Fonte: Moreira, 2020.



Figura 7. Bow-window. Fonte: Moreira, 2020.

nível do olhar no interior, mas rasante ao solo no exterior, remete ainda mais para essa contemplação do jardim, mas numa perspetiva de percurso, de movimento e não de estadia (Fig. 8).

É ainda de referir a lógica de integração dos vãos, com uma composição que através do recuo do revestimento principal das paredes, e do recurso a portadas de correr de madeira, permite encerrá-los por completo e com continuidade do material. Esta solução, no caso particular do espaço exterior central, cria um efeito de grande leveza pois solta ambos os vértices do lado nascente.

## CONCLUSÃO

Muito poderia ser ainda escrito sobre esta obra de Soutinho, ainda para mais sendo a última casa que desenhou. Fica por isso a sensação de que este estudo não lhe faz a devida justiça.

Crê-se, ainda assim, que duas lições, ou conclusões, se destacam.

Primeiro, a experiência do autor parece confirmar que o primeiro contacto com a obra de um determinado arquiteto, principalmente numa fase precoce do percurso académico-profissional, pode levar a um certo afastamento ou desinteresse. Toma-se a liberdade de sugerir que, do ponto de vista académico, se tome a iniciativa de referenciar determinados



Figura 8. Vão Horizontal. Fonte: Moreira, 2020.

nomes incontornáveis da arquitetura portuguesa, como alguns dos mencionados ao longo do texto, com a sensibilidade e astúcia necessárias para despertar a curiosidade dos estudantes, que pelas circunstâncias atuais tendem a ser deslumbrados pelo imediatismo de imagens impactantes. A experiência partilhada pelo autor quanto ao seu confronto com a obra de Soutinho, sugere a verificação desta realidade.

Segundo, e assumindo que muito do ensino em arquitetura passa pela análise de obras de referência, este projeto de Alcino Soutinho em particular confirma que a arquitetura, em todo o esplendor do seu significado, não tem que surgir sempre de uma ideia genial ou invulgar, de um manifesto, ou um rasgo criativo absolutamente arrebatador. Esta casa é, acima de tudo, uma resposta objetiva ao programa e ao lugar, sendo a sua forma uma síntese de um encadear de decisões muito objetivas, de um processo de articulação e ordenação, onde aspetos tão ancestrais como topografia, exposição solar e relação interior-exterior definem a solução quase na sua totalidade. No entanto, e como demonstrado, há espaço para rasgos de maior expressividade e criatividade que contribuem para enaltecer ainda mais as opções decorrentes desses aspetos aparentemente tão comuns.

Resulta assim deste trabalho o apelo para uma abordagem mais pragmática à análise e discussão de obras com os estudantes de arquitetura, procurando evidenciar a síntese dos processos de ordenação e decisão de projeto.

Por fim, e no mesmo tom descomprometido com que se iniciou, uma palavra de incentivo à disseminação do legado do arquiteto Alcino Soutinho e de outros pares, como Agostinho Ricca, Alexandre Alves Costa, Manuel Taíinha, Nuno Teotónio Pereira, Viana de Lima, Ruy d'Atouguia, Manuel Tainha, Sérgio Fernandez, entre tanto outros, cujo percurso é merecedor de maior divulgação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Aguiar, J.** (s. d.). *Noites de Arquitectura*. Associação dos Arquitectos Portugueses.

**Cremascoli, R.** (2013). *Alcino Soutinho*. Verso da História.

**Ferreira, P. S.** (2008). A Arquitectura enquanto gestão da forma: casa de Afife. *Arquitectura e Vida*, 91. pp. 30-39.

**Fonseca, J. C.** (2009). A Arquitectura é uma arma de arremesso político. *Archinews 14 – Alcino Soutinho*.

**Lopes, C. N. L.** (2012). *Arquitectura e modos de habitar: conversas com arquitectos. Alcino Soutinho* (Vol. IV). CIAMH.

**Moreira, A. R.** (2020). *AS CASAS DE ALCINO SOUTINHO, estudo das habitações unifamiliares entre 1963 a 2003*. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Fernando Pessoa] Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/8693>

**Moura, E. S.** (2003). *Vinte e duas casas*. Caleidoscópio.

**Trigueiros, L.** (1992). *Casa de férias em Ofir*. Editorial Blau, Lda.